

CIDADANIA E IGUALDADE DE GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE DISCURSOS MACHISTAS DE ALUNOS DE UMA TURMA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Eixo 4 – Práticas Educativas em espaços escolares e não escolares

Lillian Gironde Carneiro⁴⁵

Resumo

Este relato de experiência aborda a promoção da cidadania e da igualdade de gênero a partir da observação participativa em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. O trabalho problematiza a reprodução de discursos machistas entre estudantes e tem como objetivo refletir sobre a mediação docente diante dessas situações. As observações evidenciaram que o diálogo, os debates e as atividades propostas pela professora regente favoreceram a reflexão crítica sobre a valorização dos direitos das mulheres. Conclui-se que a atuação da professora contribuiu para a formação cidadã e para a construção de relações mais igualitárias no ambiente escolar.

Palavras-chave: Direitos humanos; Formação cidadã; Mediação docente; Respeito às diferenças.

Introdução

A observação participativa, seja em disciplinas de Estágio Obrigatório, Práticas de Ensino ou projetos de extensão, permite ao futuro professor compreender a realidade escolar e refletir sobre os desafios da prática pedagógica.

Neste relato de experiência, trago algumas reflexões que foram propiciadas durante o curso da disciplina Prática de Ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, ministrada pela Profa. Dra. Sandra Novais Sousa, na qual, como parte das atividades avaliativas, foi solicitada a elaboração de um Relatório de Observação, com a produção de um caso de ensino referente alguma situação que chamou a atenção dos licenciandos durante o período de 12h de observação.

Na referida disciplina, um dos textos complementares que foram indicados para leitura explica que os casos de ensino são “definidos como instrumentos de pesquisa e ensino”, pois propiciam conhecer os “processos de desenvolvimento profissional da docência explicitados pelos docentes ao relatar ou analisar situações de ensino, além de processos de aprendizagem profissional de alunos de cursos de Pedagogia.” (Nono, 2010, p. 3).

Mas, o que pode ser considerado como um caso de ensino? Conforme Alarcão (2003, apud Nono, 2010, p. 3), são relatos “[...] sobre uma situação concreta que, pelo seu significado, atraiu a nossa atenção e merece a nossa reflexão. [...] São descrições, devidamente contextualizadas, que revelam conhecimento sobre algo que, normalmente, é complexo e sujeito a interpretações.”

Dessa forma, na escrita do Relatório sobre a observação, na Escola Municipal Professor Plínio, de uma turma do 5º ano, destaquei, na escrita do caso de ensino solicitado, a presença de discursos machistas por parte de alguns alunos durante uma atividade da disciplina de História.

A escolha desse fato para compor o caso de ensino parte da consideração que a escola pode se tornar um espaço de reflexão e transformação de valores, crenças e comportamentos, por ser um local propício para a construção de atitudes voltadas à noção de cidadania, que envolve os conhecimentos sobre direitos e deveres, igualdade de gênero e valorização das diferenças. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o trabalho docente contribui não apenas para a aprendizagem dos conteúdos escolares, mas também para a formação de valores éticos e democráticos, visando à

⁴⁵ Estudante do curso de Pedagogia/Faed. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: lillian_gironde@ufms.br.

construção relações baseadas princípios éticos, não somente entre os alunos, mas considerando alunos, professores e toda equipe educacional.

Nesse contexto, neste relato abordo a mediação da professora regente frente aos discursos machistas dos alunos, e reflito sobre o papel da escola na promoção da igualdade de gênero e na construção de um ambiente mais inclusivo.

A educação comprometida com a cidadania busca formar sujeitos capazes de reconhecer e valorizar as diferenças, combatendo práticas discriminatórias e promovendo relações baseadas na equidade. Assim, a escola assume um papel fundamental na problematização de preconceitos e na construção de uma cultura que dê visibilidade à igualdade de tratamento entre meninas e meninos.

Diante desse cenário, este relato parte da seguinte problemática: de que maneira a mediação pedagógica da professora pode contribuir para desconstruir valores e comportamentos machistas presentes em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental? O objetivo deste trabalho é compreender como as intervenções pedagógicas favoreceram reflexões sobre cidadania, igualdade de gênero e valorização das diferenças, articulando essa experiência às contribuições teóricas de Maévi Anabel Nono, Maurice Tardif, Jussara Hoffmann e Guacira Lopes Louro.

A mediação docente diante de discursos machistas no contexto escolar

A observação participativa foi realizada na Escola Municipal Plínio Mendes dos Santos, localizada no município de Campo Grande, MS. A instituição atende diferentes etapas da Educação Básica, contemplando a Educação Infantil, os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). De acordo com as informações obtidas durante a observação, a escola atende aproximadamente 998 estudantes distribuídos em cerca de 30 turmas. A equipe gestora da instituição atualmente é composta por uma diretora e um diretor adjunto. No que se refere ao acompanhamento pedagógico, a escola conta com seis coordenadores pedagógicos, sendo um responsável pela Educação Infantil, dois pelos anos iniciais do Ensino Fundamental, dois pelos Anos Finais do Ensino Fundamental e um pela EJA.

Esta organização demonstra a preocupação da instituição em acompanhar as especificidades de cada etapa de ensino da educação básica. Junto da equipe da gestão da escola e pedagógica, a instituição conta com aproximadamente 40 professores distribuídos entre os períodos matutino, vespertino e noturno, atuando nas diferentes etapas e modalidades de ensino ofertadas pela escola. Referente à estrutura física, a escola apresenta um espaço amplo e organizado para atender às necessidades dos estudantes.

Durante o período de observação foi possível identificar a existência de biblioteca, laboratório de informática, quadra esportiva, sala de recursos, sala dos professores, brinquedoteca, secretaria, coordenação pedagógica, além das salas de aula destinadas às diferentes turmas. Os espaços apresentam boas condições de uso e contribuem para o desenvolvimento das atividades pedagógicas. A biblioteca é utilizada regularmente pelos alunos, que realizam empréstimos semanais de livros, incentivando a prática da leitura para além da sala de aula. Durante o período de observação não foram identificados projetos institucionais em andamento envolvendo toda a comunidade escolar.

As atividades observadas estavam relacionadas ao planejamento regular das turmas e aos conteúdos previstos para o período letivo. A observação foi realizada na turma do 5º Ano do Ensino Fundamental, no período matutino, composta por aproximadamente 22 estudantes com idades entre 9 e 10 anos. Nos dias observados, a frequência variou entre 22 e 24 alunos presentes. A turma era acompanhada por uma professora com 35 anos de experiência na área da educação.

A docente iniciou sua formação por meio do curso de Magistério, concluído no ano 2000, e posteriormente graduou-se em Letras. Segundo informações obtidas durante a observação, atua na Escola Municipal Plínio Mendes dos Santos há aproximadamente quinze anos. A sala observada possui espaço físico favorável para a quantidade de alunos matriculados, apresentando boa

iluminação natural, ventilação proporcionada por quatro ventiladores de teto e janelas amplas. As carteiras são organizadas em fila uma carteira atrás da outra, para melhor organização segundo a professora regente.

Nas paredes encontram-se afixados materiais de apoio pedagógico, como cartazes com o alfabeto, números e valores monetários e outros recursos utilizados como suporte às atividades desenvolvidas em sala. Embora não disponha de televisão ou projetor, a docente utiliza frequentemente o quadro, cadernos e materiais impressos em suas práticas pedagógicas. A turma da observação apresentou um comportamento considerado tranquilo e organizado.

Durante as explicações, os alunos demonstravam atenção e respeito às orientações da professora regente, participando das atividades propostas. Também foi possível perceber diferenças nos níveis de aprendizagem, especialmente em relação à leitura e à escrita. Alguns estudantes realizavam as atividades com maior autonomia, enquanto outros necessitavam de acompanhamento mais próximo da professora. Em diversos momentos, a docente incentivava a colaboração entre os próprios alunos, solicitando que aqueles com maior facilidade auxiliassem os colegas que apresentavam mais dificuldades. Depois de todos realizarem as atividades propostas, a professora realiza uma correção coletiva no quadro de giz.

A rotina escolar iniciava-se às 7 horas da manhã com momentos de acolhida realizados no pátio. Durante o período de observação, foi possível identificar diferentes práticas nesse momento inicial, como a execução do Hino Nacional em alguns dias da semana e, em outros, orações ou músicas de caráter religioso.

Em relação às músicas religiosas e orações, é possível observar o quanto a laicidade do Estado não tem sido um princípio norteador das práticas instituídas na escola pública. Tardif (2014) nos lembra que os estudantes trazem consigo valores de suas famílias e contextos, o que implica compreender que a escola, como espaço público e laico, deve acolher a diversidade de crenças, garantindo que todos os alunos se sintam acolhidos, independentemente de sua crença pessoal.

Na mesma perspectiva, Louro (1997) aponta que o gênero e as identidades sociais não são dados naturais, mas sim produzidos continuamente pelas instituições, sendo a escola um espaço central nessa fabricação, através dos rituais cotidianos, como falas e canções de caráter religioso reproduzidos no pátio da escola às sete horas da manhã.

Problematizar essa prática não significa invalidar e muito menos retirar a liberdade de expressão religiosa dos alunos e profissionais da escola; ao contrário, quando o ambiente escolar se responsabiliza com a laicidade, contribui para a construção de um espaço inclusivo, democrático, onde nenhuma vertente de religião se sobressai ou constrange a diversidade cultural e religiões dos alunos e demais pessoas que convivem neste espaço.

É possível refletir sobre como construir uma acolhida que fortaleça a convivência democrática, sem exclusão ou favorecimento de uma crença específica. Na atualidade, algumas crenças religiosas estão muito ligadas à ideia de que a mulher precisa ser submissa ao homem, e que o homem possui um papel central, considerado “o cabeça” da família, o provedor, aquele a quem mulheres e crianças devem respeito irrestrito. Na educação transformadora, a escola pública precisa atuar como um local de questionamentos, não reproduzindo discursos de forma acrítica sobre diversas questões como subordinação da mulher, estruturas patriarcais e desigualdade de gênero. Quando a escola inclui em sua acolhida orações e músicas de denominações religiosas que compartilhar com essa crença da submissão feminina, acaba se afastando do seu real papel que é promover uma educação igualitária, justa e democrática para todos.

Após a acolhida, os alunos dirigiam-se para as salas de aula, onde iniciavam as atividades. A professora utilizava frequentemente atividades copiadas do quadro, exercícios em folhas impressas ou no livro didático, leitura compartilhada e correções coletivas. Também foram observadas atividades em duplas, momentos de leitura oral e propostas de produção escrita.

O intervalo ocorria às 9 horas, sendo que, em alguns dias, a professora organizava a saída dos alunos alguns minutos antes do horário oficial, mediante acordo com a equipe gestora, para que pudessem realizar o lanche com maior tranquilidade. Após o retorno, as atividades eram retomadas normalmente. Também foi observado que a professora costumava propor tarefas para casa e realizar posteriormente a correção e devolutiva com os alunos. De modo geral, a observação permitiu conhecer a dinâmica da instituição, a organização da turma e as práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora regente. Além disso, possibilitou refletir sobre diferentes aspectos da docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente aqueles relacionados ao ensino da leitura, da escrita, à gestão da sala de aula e às relações estabelecidas entre professora e estudantes.

Conforme solicitado na disciplina de Prática de Ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, o relatório de observação deveria conter um caso de ensino, elaborado a partir das observações realizadas na escola parceira. Os casos de ensino, conforme Alarcão (2003, p. 52, *apud* Nono, 2010, p. 3), “[...] só são casos (e não meros incidentes) porque representam conhecimento teórico e assumem um valor explicativo que vai para além da mera descrição.”

Dessa forma, entre as diversas situações observadas, optei por produzir um caso de ensino sobre uma situação ocorrida durante duas aulas de História, cujo planejamento da professora abordava a cidadania e a luta das mulheres por direitos iguais aos dos homens. Nessas aulas, foi possível identificar situações em que alguns meninos reproduziam discursos machistas aprendidos, possivelmente, em seus contextos familiares. Em diferentes momentos, eles afirmavam que determinadas atividades eram “coisa de menina” ou que as meninas da sala eram menos capazes de realizar algumas funções exercidas pelos homens. Essas falas provocaram desconforto em algumas alunas, que se mostraram incomodadas ou silenciadas diante dos comentários feitos por vários meninos da sala. Ao trabalhar o texto “A Cidadania e a Luta das Mulheres”, a professora apresentou a trajetória de mulheres importantes, como Maria da Penha, Malala Yousafzai e Funmilayo Ransome-Kuti, destacando suas contribuições para a conquista de direitos e para a promoção da igualdade entre homens e mulheres.

Durante a discussão, um dos alunos afirmou que “homem é mais forte e por isso deve mandar”. Outro aluno comentou que “mulher tem que cuidar da casa e dos filhos.” Essas falas demonstraram a influência de valores e crenças presentes em seus ambientes familiares e sociais que estão inseridos. A professora não ignorou os comentários. Pelo contrário, utilizou-os como oportunidade pedagógica para promover uma reflexão coletiva. Questionou os alunos sobre a origem dessas ideias e incentivou o debate respeitoso entre a turma. Algumas meninas relataram situações em que já haviam sido impedidas de participar de determinadas brincadeiras ou atividades por serem consideradas “coisas de menino e não de menina”.

A partir das discussões promovidas nas rodas de conversa, nas quais os estudantes puderam expressar suas opiniões e ouvir diferentes pontos de vista, a professora desenvolveu atividades voltadas à compreensão dos direitos das mulheres e da importância da igualdade de gênero. Os alunos realizaram leituras, debates, produção de cartazes e atividades escritas sobre as mulheres apresentadas no texto. A mediação da professora buscou demonstrar que homens e mulheres possuem os mesmos direitos e capacidades, devendo ser respeitados igualmente, independentemente de qualquer coisa e situação.

Durante essas atividades, foi possível perceber que os alunos participaram de forma bastante ativa das discussões propostas pela professora. Muitos demonstravam interesse em compartilhar suas opiniões e relatar situações vivenciadas em seu cotidiano, o que tornou as conversas ainda mais significativas. A cada nova reflexão, os estudantes eram incentivados a ouvir os colegas, respeitar diferentes pontos de vista e compreender que homens e mulheres possuem os mesmos direitos, favorecendo um ambiente de diálogo e respeito dentro da sala de aula.

Também foi possível observar que a forma como a professora conduziu as atividades contribuiu para que os alunos refletissem sobre comportamentos que, muitas vezes, eram reproduzidos sem questionamentos. Ao estimular a participação de toda a turma e promover momentos de conversa, ela possibilitou que os estudantes expressassem suas dúvidas, opiniões e experiências, tornando a aprendizagem mais significativa. Dessa forma, o conteúdo deixou de ser apenas um tema da disciplina de História e passou a fazer parte das reflexões construídas coletivamente durante as aulas.

Ao longo das atividades, observei uma grande mudança na postura de alguns alunos. Muitos passaram a compreender que determinados comportamentos eram discriminatórios e injustos e que os direitos conquistados pelas mulheres foram resultado de longas lutas sociais, culturais e históricas. A situação observada evidencia como a escola desempenha um papel fundamental na formação cidadã dos estudantes. As falas machistas reproduzidas por alguns alunos refletem aprendizagens construídas em diferentes contextos sociais, especialmente familiares.

Desta forma, a escola pode atuar como espaço de diálogo, reflexão e construção de valores democráticos. A abordagem do tema me permitiu trabalhar competências relacionadas ao respeito às diferenças, à valorização dos direitos humanos e ao exercício da cidadania. Além disso, favoreceu o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos ao questionarem preconceitos naturalizados sem perceber. A postura da professora foi essencial para transformar uma situação de conflito em uma oportunidade de aprendizagem significativa, promovendo o respeito mútuo e a igualdade entre meninos e meninas da turma.

Considerações Finais

A observação participativa na turma do 5º ano evidenciou a importância da atuação docente na formação cidadã dos alunos. Por meio da elaboração do caso de ensino, foi possível atestar o que afirma Alarcão (2003, p. 52, *apud* Nono, 2010, p. 3):

Dado o caráter altamente contextualizado e complexo da atividade profissional do professor, a análise casuística de episódios reais apresenta-se como uma estratégia de grande valor formativo. Permite desocultar situações complexas e construir conhecimento ou tomar consciência do que afinal já se sabia.

Dessa forma, em relação à minha experiência formativa, concluo que, ao abordar a temática da cidadania e da luta das mulheres, a professora possibilitou momentos de reflexão sobre atitudes machistas reproduzidas por alguns alunos, contribuindo para a construção de valores relacionados ao respeito e à igualdade. Essa reflexão coletiva foi possibilitada porque a professora promoveu, na roda de conversa, uma avaliação diagnóstica, ou seja, um levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema, incentivando que verbalizassem as crenças, valores e pensamentos que haviam internalizado anteriormente. Não se tratou apenas de “transmitir o conteúdo” previsto na “Habilidade (CG.EF05HI04.s): Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos” (Campo Grande, 2020), mas, por meio do diálogo, ampliar as visões de mundo dos estudantes, associando a noção de cidadania ao contexto real de suas vivências coletivas.

Segundo Maurice Tardif (2014), os saberes docentes são construídos a partir da formação acadêmica, dos conhecimentos curriculares e das experiências vividas pelos professores em seu cotidiano profissional. Nesse caso, a professora mobilizou diferentes saberes para lidar com uma situação complexa em sala de aula, transformando falas preconceituosas em oportunidades de aprendizagem. Para Tardif (2014), o professor deve compreender que os alunos chegam à escola carregando valores e conhecimentos adquiridos em seus contextos familiares e sociais, cabendo à escola ampliar essas compreensões por meio do diálogo e da reflexão crítica.

A experiência também pode ser relacionada às contribuições de Jussara Hoffmann (2018), que defende uma avaliação mediadora baseada na observação, no acompanhamento contínuo e na valorização dos processos de aprendizagem. Durante a observação participante, foi possível perceber que a professora não se preocupou apenas com as respostas corretas dos estudantes, mas buscou compreender seus posicionamentos, dúvidas e concepções sobre os direitos das mulheres. Ao promover debates e reflexões, realizou uma prática avaliativa que favoreceu o desenvolvimento da consciência crítica e da participação dos alunos.

Ao discutir igualdade de gênero e cidadania, a professora criou oportunidades para que os alunos questionassem preconceitos naturalizados e ampliassem sua compreensão sobre os direitos humanos e o respeito às diferenças, sobretudo em um espaço escolar marcado por rituais de acolhida coletiva na quadra que se utilizam de orações e músicas de denominações religiosas que pregam a submissão e passividade feminina.

Dessa forma, este relato de experiência evidencia as aprendizagens possibilitadas pela observação (e posterior reflexão) de uma prática pedagógica que foi além da transmissão de conteúdos, articulando os saberes docentes discutidos por Tardif (2014), a avaliação diagnóstica e mediadora proposta por Hoffmann (2018) e as discussões de gênero propostas por Louro (1997).

No âmbito da sala de aula, a atuação da professora contribuiu para a construção de uma aprendizagem significativa e para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e comprometidos com a convivência democrática entre meninos e meninas. No âmbito do meu processo formativo na licenciatura, escrever sobre essa experiência contribuiu para minha reflexão e reforçou o desejo de me tornar uma futura docente crítica e participativa, que consiga deixar marcas positivas em meus alunos e auxiliá-los a compreender seus deveres e direitos como cidadãos.

Referências

CAMPO GRANDE. **Referencial Curricular Reme**: Volume 6 - Ciências Humanas. Campo Grande: SEMED, 2020.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

NONO, Maévi Anabel. Caso de Ensino na Formação do Pedagogo. In: Congresso Internacional PBL 2010: Aprendizagem Baseada em Problemas e Metodologias Ativas de Aprendizagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 8-11 fev. 2010. **Anais [...]** Rede Pan-Americana de Aprendizado Baseado em Problemas; USP, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.